



**SÍNDROME DE DOWN:
um estudo de caso sobre a inclusão no ensino regular**

Mitsi Martins Tamashiro*

Maria Angélica Dornelles Dias**

RESUMO

Este artigo trata de divulgar como está acontecendo à inclusão na Escola Municipal de Educação Básica Sadao Watanabe em Sinop-MT. O objetivo desta pesquisa é averiguar como está à inclusão dos alunos com Síndrome de Down no ensino regular e constatar como ocorre o ensino/aprendizagem quando inclusos nas instituições de ensino. A presente pesquisa é um estudo de caso, fundamentada por uma metodologia qualitativa. A coleta de dados utilizou de observações, questionário e entrevista semi estruturadas. Através da realização deste trabalho, ressaltamos a importância de colocar em prática as políticas sobre inclusão; a necessidade de professores capacitados para atuar em sala de aula; e a importância da estimulação para o desenvolvimento da criança.

Palavra chave: Educação. Inclusão Escolar. Síndrome de Down. Aprendizagem. Estudo de caso.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão veio para igualar as oportunidades e direitos, e não apenas com o interesse de socializar. Para que haja um ensino-aprendizagem que satisfaça os interesses da escola inclusiva, é necessário que a Educação esteja preparada para receber os alunos especiais favorecendo-lhes a socialização e o desenvolvimento das suas potencialidades. Esses alunos não podem mais serem negligenciados pelas instituições escolares, é necessário então, uma

* Acadêmica do sétimo semestre de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* Universitário de Sinop.

** Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas - UCPel, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

reestruturação curricular que atente para essas diversidades, pois caso contrário não ocorrerá um aprendizado significativo na criança com necessidades especiais.

O objetivo da pesquisa foi de verificar como ocorre a inclusão, e como está ocorrendo à construção da aprendizagem do aluno com Síndrome de Down quando inclusos no ensino regular.

2.1 INCLUSÃO: uma educação para todos

Um ensino de qualidade para todos os discentes exigirá da escola novos paradigmas educacionais para fazer valer a democracia na educação para todos, ou seja, metodologias que impliquem atualização e reestruturação das condições de ensino, levando em consideração também à construção do aprendizado dos alunos especiais, uma vez que estes têm seus direitos assegurados por lei.

A educação visa à formação do indivíduo para a formação do ser com suas habilidades e competências, o preparando para as atividades do dia-a-dia, preparação para o trabalho e para o exercício da cidadania. A Constituição Federal Brasileira de 1988 acrescenta no Capítulo III determinando que: “A educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Nesse sentido, o Estado e a família devem oferecer educação a todos, independente de suas necessidades, formando-os para a cidadania e para o trabalho. A família tem o papel fundamental neste momento, pois ela desenvolve o papel de valores e padrões sociais, e juntamente com a instituição escolar ocorre à formação do ser humano em todos os aspectos, principalmente quando se refere ao aprendizado científico.

Para que possa ocorrer à inclusão é necessário as pessoas se adequarem as necessidades dos deficientes. É preciso que as pessoas estejam preparadas e dispostas a auxiliar, desenvolver e efetivamente incluir estes na sociedade e, não somente os deficientes terem que se adequarem aos padrões das pessoas tidas como ‘normais’. Se essas adequações ocorrerem eficazmente, iremos contribuir para uma formação de uma sociedade mais heterogênea, sem discriminação pejorativa das diferenças, facilitando o convívio para atendê-las e respeitá-las.

3 CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO DOWN

O desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down é mais lento, pois o desenvolvimento do cérebro é retardado, por isso não devemos esperar uma resposta de suas aprendizagens de acordo com sua idade, mas sim, respeitar e ajudar em suas maiores dificuldades seja ela: na linguagem, na aquisição da leitura ou escrita, na aprendizagem da matemática, em seu desenvolvimento psicomotor e cognitivo. Por isso a escola deve adquirir uma proposta curricular que atenda as necessidades de seus alunos para que ocorra o aprendizado desde o início do ano escolar.

Especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são os procedimentos de ensino; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para a aprendizagem. Com esse enfoque temos procurado pensar no especial da educação, parecendo-nos mais recomendável do que atribuir esta característica ao alunado. (CARVALHO, 2000, p. 17).

Por esse motivo que a educação especial não é apenas a inclusão de alunos com Síndrome de Down, ou qualquer outra deficiência, na rede de ensino. As escolas devem dispor de um currículo e adaptações pedagógicas, juntamente com materiais e professores capacitados para que possa ocorrer um trabalho em conjunto visando o aprendizado dos alunos. A atuação do professor tanto no ato de ensinar quanto no ato de organização em sala de aula são maneiras que ajudam na aprendizagem, e de acordo com a autora acima citada:

A arrumação das carteiras, a decoração da sala com os trabalhos dos próprios alunos; a organização de passeios e visitas, o uso de revistas, jornais e outros meios de comunicação impressa servem como fontes de interesse e de participação dos alunos nas atividades propostas. (CARVALHO, 2000, p. 64).

As atividades devem ser concretas, que traga um significado real para o aluno, transformando este momento prazeroso e agradável, construindo o aprendizado de forma gradual, respeitando seus limites.

A aprendizagem ocorrerá a partir de um amadurecimento das funções cognitivas compatíveis com a disposição e condição do aluno. A todo o momento ocorre à aprendizagem, um acontecimento do cotidiano que ocorre com a interação ao meio social, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da socialização, das trocas de experiências. Segundo Pueschel (2005, p. 179): “Um sorriso, um gesto de aprovação, algumas palavras de elogio são, geralmente, o suficiente para fazer a criança com Síndrome de Down se esforçar um pouco mais”. São gestos simples que podem melhorar o aprendizado dessas crianças, e o trabalho em conjunto com a família e a escola é um ponto fundamental na

educação, pois traz um resultado positivo no desenvolvimento das crianças especiais, formando-as para suas habilidades e independência.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na cidade de Sinop – MT, na Escola Estadual de Educação Básica Sadao Watanabe. A pesquisa é do tipo estudo de caso que teve o objetivo de verificar como está ocorrendo a inclusão e se neste ato de incluir está acontecendo o aprendizado. Segundo Martins (2010, p.09) a pesquisa estudo de caso:

É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Esse estudo analisou se a inclusão, o aprendizado e a socialização do aluno com Síndrome de Down está acontecendo nesta instituição de ensino, pois diante das políticas públicas e das ideias de diversos autores a inclusão é um direito garantido para se libertar mediante a segregação e, também porque é através da inclusão que a sociedade aprende a conviver com as diferenças.

A pesquisa analisou dois alunos com Síndrome de Down, e também se os professores desta instituição são capazes de promover a inclusão, pois sabemos que o educador é o agente principal para promover este ato na instituição educacional.

Para a coleta de dados realizamos observações em sala; entrevistas semi estruturadas com três professoras da rede de ensino, sendo que duas são as professoras regente da sala dos alunos observados, e a outra é a professora da sala de recursos; e questionários.

5 UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INCLUSÃO E O APRENDIZADO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN

A presente pesquisa teve como sujeitos observados dois alunos com Síndrome de Down, sendo este uma menina de treze anos que está no terceiro ano do ensino fundamental e um menino de quinze anos frequentando o quarto ano do ensino fundamental. Estes alunos não serão identificados, portanto, chamaremos a menina de Aluna e o menino de Aluno. Os

outros sujeitos das pesquisas foram duas professoras, onde a professora da sala de recursos será identificada por P1, a professora regente da sala da Aluna será identificada por P2, e a professora regente da sala do Aluno será de P3.

A partir de agora discutiremos sobre as análises dos dados coletados durante a observação, entrevista e questionário. Pude perceber que a inclusão na escola Escola Municipal de Educação Básica Sadao Watanabe está ocorrendo de duas maneiras, onde com a Aluna acontece apenas à integração (socialização), e com o Aluno a inclusão está acontecendo de fato. Porém diante desse conflito entre integração e inclusão existe uma explicação:

(01) P1: O aluno é assim porque teve apoio e estímulos desde pequeno pelos familiares, já a aluna não teve esse mesmo apoio. Tudo depende dos estímulos, uma criança bem estimulada se desenvolve bem, enquanto que as que não recebem estímulos não sentem vontade de realizar atividade e até mesmo brincadeiras propostas.

Ou seja, a inclusão não está acontecendo não pelo motivo da escola não favorecer este ato, mas sim porque se a criança com Síndrome de Down não receber estímulos necessário para o seu desenvolvimento ela terá mais dificuldades em se desenvolver posteriormente: “A qualidade da estimulação no lar e a interação dos pais com a criança se associam ao desenvolvimento e aprendizagem destas crianças” (KIRK, 2002, p.23).

Dessa maneira, se não houver uma estimulação que desperte as capacidades dessa criança, posteriormente ela terá dificuldades de aprendizado na escola, pois sua fala não desenvolverá, o seu raciocínio, a sua coordenação motora e até mesmo a vontade e o interesse de realizar algumas atividades, pois essas crianças muitas vezes são consideradas como ‘preguiçosas’.

Diante desse fato, é normal crianças com Síndrome de Down cansar de algumas atividades quando são recomendadas, mas o que não é normal ela não tentar querer fazer por ‘preguiça’, porém essa total ‘preguiça’ ocorre por falta de estímulos quando eram mais novos.

Ao comparar as duas situações, levando em conta que cada um é diferente diante de suas capacidades, o que deve ser questionado é o que tem levado o atraso do desenvolvimento da Aluna pode ser dentre outras situações neurológicas a falta de estimulação que os familiares não proporcionaram a Aluna.

Ao questionar a professora P2 sobre dificuldades em trabalhar com alunos com Síndrome de Down ela disse:

(02) P2: Tenho dificuldades em trabalhar com a Aluna porque falta ajuda por parte dos familiares. A escola faz um trabalho, mas a família não dá continuidade. Assim fica difícil de realizar um bom trabalho.

Segundo Pueschel (1993), a criança com Síndrome de Down deve receber desde o seu nascimento um acompanhamento que desenvolva o aspecto motor e cognitivo. Dessa maneira, este apoio deve ser uma união entre apoios técnicos e familiares.

Para a professora P2, o que está acontecendo com a Aluna é somente a socialização, porque o aprendizado em si depende da união família/escola. Ou seja, para que se possa realizar um bom trabalho, os familiares devem auxiliar e incentivar as tarefas propostas pela escola e, também dialogar com a professora sobre as maiores dificuldades e avanços que este aluno está tendo. Sendo assim, é somente com a união entre família/escola que será possível o bom desenvolvimento da Aluna.

Segundo Reis (2010, p. 22),

A escola, com certeza, não que a família seja responsável pelos conteúdos dados, mas que estimule ao filho em suas atividades. É uma parceria entre instituições distintas. O papel da família seria de estimular no filho o comportamento de estudante e cidadão e o da escola seria orientar aos pais nos objetivos que a escola espera que o aluno atinja e de criar momentos para que essa integração aconteça.

Diante dessas constatações, a participação entre família e escola é indispensável, onde cada uma almeja objetivos diferentes visando à educação do aluno.

Ao interrogar a professora P3 sobre a alfabetização do Aluno ela mencionou que:

(03) P3: O Aluno não é alfabetizado, ele é copista. Quando eu passo uma atividade que precisa escrever ele começa:

- professora me ajuda eu não consigo!

Daí eu vou à carteira dele e falo:

- aqui é a letra M.

E ele fala:

- M de que prof.

Aí eu tenho que mostrar no cartaz que o M é de macaco.

A professora P3 ainda acrescenta que:

(04) P3: O aprendizado está acontecendo sim, de forma bem lenta, porém gradativamente.

Quanto a Aluna, pude perceber que se encontra no nível pré-silábico, onde de acordo com a Psicogênese da Língua Escrita, à autora Emília Ferreiro, descreve este nível onde o aluno ainda não atribuiu significado à escrita. Dessa maneira, para que a Aluna possa ser alfabetizada é necessário passar por todos os níveis da escrita sendo: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

A criança com Síndrome de Down tem um atraso no seu desenvolvimento, e segundo Morss (apud VOIVODIC 2004, p. 46) “[...] o desenvolvimento cognitivo não é somente mais lento, porém se processa de forma diferente. A aquisição tardia de uma habilidade compromete a aquisição de outras que depende dela, e isso afeta o desenvolvimento”.

Portanto, não é impossível alfabetizar um aluno com Síndrome de Down, tudo dependerá dos seus estímulos (internos e externos), da sua maturação, e da atuação teórica metodológica da professora.

Acredito que por a inclusão educacional ter iniciado sua aplicabilidade há pouco tempo no ensino regular é um motivo para favorecer este acontecimento, onde alunos com necessidades educacionais especiais na maioria das vezes não conseguem acompanhar o rendimento da turma. Sabemos que essa síndrome atrasa todo o seu desenvolvimento, mas isso não a impede de em determinado momento conseguir aprender. Tudo dependerá do estímulo recebido, de sua maturidade e do ambiente favorável para que o aprendizado possa acontecer.

Um dos fatores que contribui para que o aprendizado aconteça é a interação professor/aluno e aluno/aluno, pois com esse contato acontece o diálogo, a confiança, a troca de saberes. São atos simples que enriquece o aprendizado do aluno:

A arrumação das carteiras, a decoração da sala de aula com os trabalhos dos próprios alunos; a organização de passeios e visitas, o uso de revistas, jornais e outros meios de comunicação impressa servem como fontes de interesse e de participação dos alunos as atividades propostas. (CARVALHO, 2000, p. 64).

A maneira positiva de como a professora costuma agir em sala de aula proporciona de certa forma para o aluno estímulos positivos para que ele goste de frequentar a escola, favorecendo assim o aprendizado e a inclusão destes. É necessário que a professora consiga sempre estimular este aluno de maneira discreta ao envolvimento com a turma, mostrando que ele é capaz e que também consegue aprender como os demais.

Ao questionar as professoras P1 e P3 sobre a importância dos alunos com Síndrome de Down frequentar a escola ela mencionou:

(05) P1: Ótimo. Os alunos especiais tem tanta capacidade como os outros e devem ser respeitados e aceitos por todos.

A educação inclusiva é um direito, onde todos são vistos como sendo capazes de aprender e frequentar uma escola de ensino regular. Para Mantoan (2006, p. 19): “prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula de ensino regular”.

Acredito que muito se tem a avançar ainda sobre o desempenho do processo inclusivo, não menosprezando a forma com que estes alunos estão sendo inclusos, pois isso já é um bom começo.

A socialização destes alunos com a comunidade escolar vejo que está sendo efetivada, onde os alunos tem uma relação amigável com os alunos com Síndrome de Down. Em nenhum momento presenciei gozações entre eles, pelo contrário, percebi uma relação de aceitação das diferenças, os ‘normais’ ajudando, e em outros momentos, acariciam e brincam com os alunos ‘diferentes’.

Para ocorrer eficazmente à inclusão é necessária a aceitação de toda a comunidade escolar (gestores, docentes, alunos, pais/familiares):

A pessoa deficiente não precisa de comiseração e piedade. Precisa de compreensão e aceitação como pessoa que apresenta certas limitações. Pouco adianta treinar uma criança deficiente para que se torne socialmente apta e consciente, se os vizinhos amedrontados e ansiosos não permitirem que seus filhos brinquem com ela. (TELFORD, 1984, p.149).

Nesse sentido, o maior problema da inclusão está na não aceitação das diferenças para os adultos, e com isso transmitindo seus pensamentos de preconceito para as crianças. Portanto a partir do momento que a sociedade adulta mudar seu pensamento sobre os especiais, isso irá refletir na concepção perante as crianças que internalizará que ser diferente é normal.

Diante dessa aceitação, quando os alunos ‘normais’ encontrar com os alunos ‘diferentes’ ocorrerá à socialização, um momento de aprendizado com o outro, respeitando e convivendo com as diferenças, proporcionando uma futura aceitação para uma sociedade heterogenia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de incluir é necessário, pois as leis amparam para este acontecimento, mas também pelo fato de que devemos respeitar o próximo diante de suas diferenças individuais: raça, cor, religião, idade, deficiência, entre outras. Diante disso, ao promover a inclusão, deixaremos de se importar com as características que nos diferenciam uns dos outros, e levaremos em conta que todos nós temos direitos e deveres na sociedade.

Entendemos que a inclusão educacional é um processo que depende das políticas públicas, dos familiares, dos gestores da escola e da sociedade em geral. Este ato deve valorizar e priorizar o desenvolvimento das potencialidades, respeitando o aluno pelo que o difere.

Através das análises dos dados, percebe-se que os fatores determinantes para que a inclusão aconteça é o apoio da família e a atuação do professor. A família deve se importar com essa criança e dispor de estímulos que irão trazer benefícios para o seu desenvolvimento para quando incluso no ensino regular estarem em um nível que se possa desenvolver o aprendizado científico. Já os professores, devem favorecer este momento e colocar o aluno em uma posição onde ele seja capaz, como produtor de conhecimento, e não o menosprezar perante a sua deficiência.

LE SYNDROME DE DOWN:

une étude de cas sur l'intégration dans l'enseignement ordinaire

RÉSUMÉ¹

Cet article s'agit de révéler comme c'est le cas à l'inclusion dans l'École Municipale d'Éducation à la base Sadao Watanabe à Sinop-MT. L'objectif de cette recherche était de savoir comment est l'inclusion des élèves ayant le syndrome de Down en milieu ordinaire et pour regarder comment est l'enseignement / apprentissage lorsqu'ils sont inclus dans des établissements d'enseignement. Cette recherche est une étude de cas, basée sur une méthodologie qualitative. Les instruments de recherche sont étés des observations, des questionnaires et des entrevues semi-structurées. Grâce à ce travail, il a été souligné l'importance de mettre en pratique les politiques sur l'inclusion, le besoin pour des enseignants

¹ Tradução realizada pelo Fernando Hélio Tavares de Barros (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

qualifiés pour travailler dans la salle de classe et l'importance de la stimulation du développement de l'enfant.

Mots-clés: L'Éducation. Inclusion Scolaire. Le Syndrome de Down. L'apprentissage. Étude de cas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

BRASIL. **Constituição**. República Federativa. MEC, 1988.

KIRK, Samuel A.; GALLAGHER, James J. **Educação da criança excepcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Inclusão escolar: algumas notas introdutórias. In; _____ . et al (Org.). **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PUESCHEL, Siegfried (Org). **Síndrome de Down: guia para pais e professores**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1993.

REIS, Liliane Pereira Costa dos. **A participação da família no contexto escolar**. Salvador, 2010.

TELFORD. Charles W. ; SAWREY, James M. O indivíduo excepcional. 5.ed. São Paulo: Zahar, 1984.

VOIVODIC. M. A. **A inclusão escolar de criança com Síndrome de Down**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

P.1. **P.1.:** depoimento. [05 set. 2012]. Entrevistadora: Mitsi Martins Tamashiro. Sinop, MT, 2012. 1 aparelho celular SAMSUNG (20min 10 seg). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a inclusão do aluno com Síndrome de Down.

P.2. **P.2.:** depoimento. [05 set. 2012]. Entrevistadora: Mitsi Martins Tamashiro. Sinop, MT, 2012. 1 aparelho celular SAMSUNG (5min 40seg). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a inclusão do aluno com Síndrome de Down.

P.3. **P.3.:** depoimento. [05 set. 2012]. Entrevistadora: Mitsi Martins Tamashiro. Sinop, MT, 2012. 1 aparelho celular SAMSUNG (25min 12 seg). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a inclusão do aluno com Síndrome de Down.